



ANÁLISE DE INDICADORES SOCIODEMOGRÁFICOS DO BRASIL E DE ANGOLA NO PERÍODO ENTRE 1950 E 2021

Nunes Laurentino Nitanelene¹

RESUMO

O trabalho em apreço fez a análise de indicadores sociodemográficos selecionados do Brasil e de Angola para uma escala temporal de 1950-2021. O objetivo principal foi fazer análise comparativa dos indicadores selecionados para os dois países. Este trabalho foi desenvolvimento para a disciplina de Questões Demográficas Actuais, que foi ministrada no primeiro semestre de 2024. Concretamente o trabalho abordou os indicadores demográficos como: **Volume e densidade populacional; taxa de crescimento médio populacional anual, Mortalidade, Fecundidade e Migração (Taxa Líquida de Migração)** nos dois países falantes da língua portuguesa, cujos dados foram extraídos do **World Population Prospects 2022**, alojados no site <https://population.un.org/wpp/>. Portanto, neste trabalho espera-se encontrar a evolução no tempo (1950-1950) dos indicadores acima reportados e as explicações dos processos históricos que impactaram nessa evolução. A análise comparativa dos indicadores selecionados teve em conta aos aspectos relativos a padrões, tendências e explicação de processos históricos que directa ou indirectamente poderão ter impactado nos mesmos durante o período em análise. Os resultados encontrados mostraram grandes assimetrias na evolução dos indicadores, o que mostra realidades demográficas bastantes distintas.

Palavras-chave: Volume, Densidade; Taxas; Brasil e Angola.

INTRODUÇÃO

O trabalho faz uma análise comparativa de indicadores sociodemográficos selecionados do Brasil e de Angola, num espaço temporal de 1950-2021. Os indicadores selecionados foram: **volume e densidade populacional; taxa de crescimento médio populacional anual, mortalidade, fecundidade e migração (taxa líquida de migração)**. O trabalho segue uma estruturas previamente estabelecida que comporta: (i) sumário, onde procura-se sumarizar a essência da pesquisa; (ii) Introdução, onde se apresenta o trabalho que se presente fazer; (iii) Métodos, mostra os procedimentos seguidos para a realização desta pesquisa; (iv) Resultados e discussão, onde são apresentados os resultados encontrados e faz-se a discussão dos mesmos; (vi) considerações finais, onde se apresenntam as conclusões da pesquisa. A língua portuguesa falada nos dois países, motivou a escolha dos países para estudar.

¹ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – IFCH/Unicamp. E-mail: n289490@dac.unicamp.br ORCID: 0009-0007-9856-9674.



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

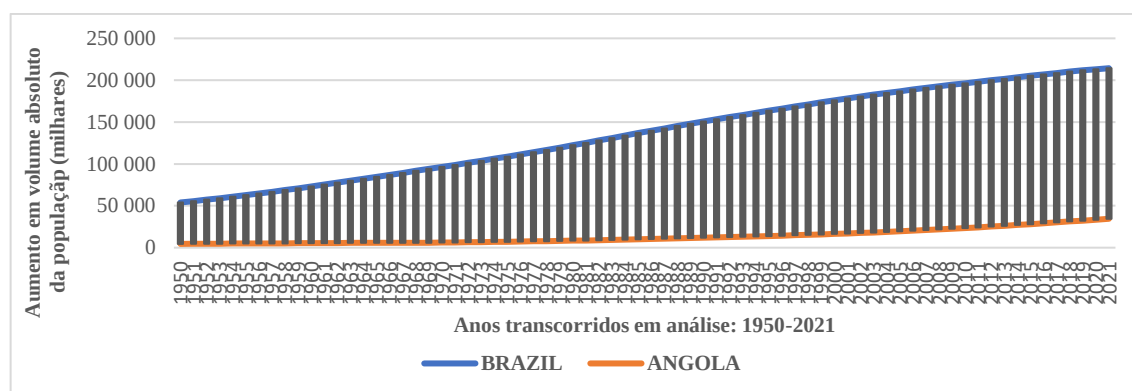
UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, foi necessário *logar* os dados sobre os indicadores sociodemográficos acima mencionados do Brasil e de Angola referentes ao período de 1950-2021 do Word Population Prospects 2024, alojados no site <https://population.un.org/wpp/> da Organização das Nações Unidas. Foi utilizado o software Excel e Word para a produção dos gráficos, dos relatórios, análise e interpretação dos resultados. Fez-se a revisão bibliográfica e consulta de fontes na *internet* para suportar os argumentos trazidos no texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GRÁFICO 1 – Volume da população do Brasil e de Angola, (1950-2021)



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

O Gráfico 1 ilustra o volume populacional do Brasil e de Angola, que cresce ao longo dos anos, embora seguindo ritmos variáveis. Segundo o IBGE, (2022), entre 1900 – 1950 a população brasileira esteve abaixo de 50.000 milhões de habitantes, porém, a partir de 1950 registou um crescimento acelerado, esperando-se que alcance os cerca de acima de 250.000 milhões de habitantes em 2050. A população brasileira cresceu dez vezes no século XX. O processo da transição demográfica, em que houve declínio da mortalidade, com a natalidade continuando elevada, gerando um crescimento populacional expressivo para o país, pode explicar o crescimento populacional do Brasil. Com um padrão crescente, Angola teve um crescimento lento (quase estacionário) nos primeiros anos em análise. As guerras de libertação do País do jugo colonial e a civil que assolaram o país de 1962 a 2002, vindo a terminar em 2002 com a assinatura do Acordo Geral de Paz, contribuíram para tal tendência (Silva, 2018). Como se constatou nos dados do World Population Prospects (2024), em 1950,



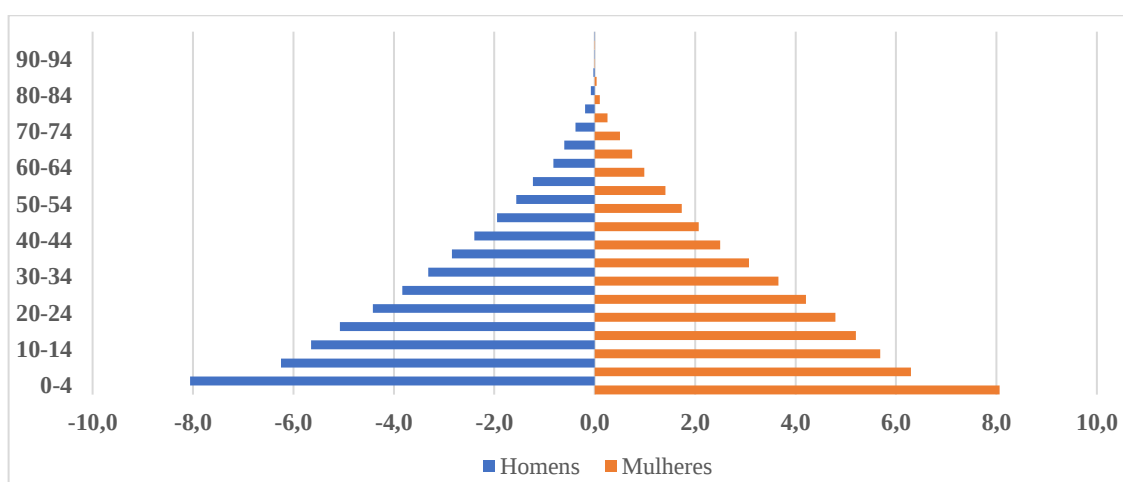
III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

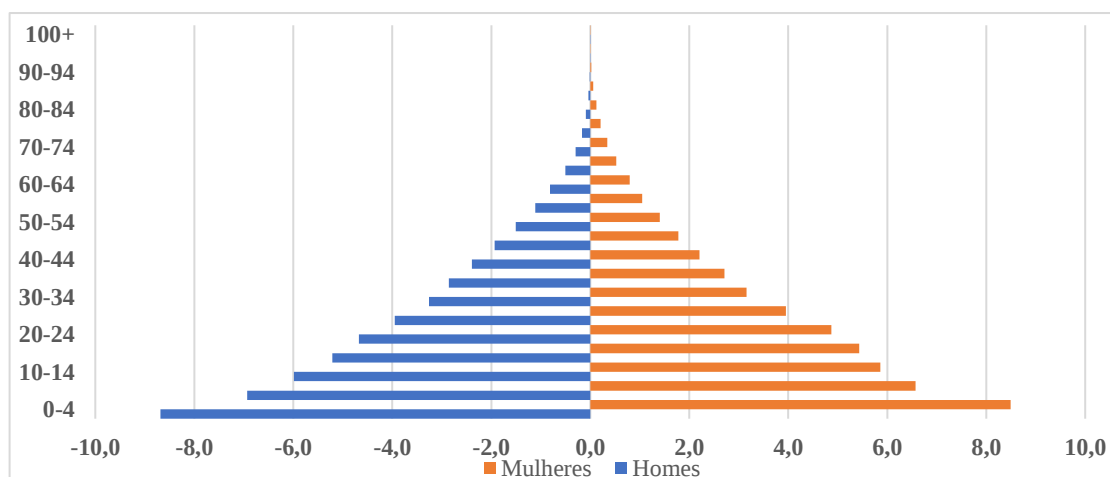
a população do Brasil e de Angola era respectivamente de 523.955 e 4.478 milhares de habitantes. Em 2021 a população do Brasil foi estimada em 214.326 (milhares), e a de Angola em 34.504 (milhares) habitantes. Para melhor ilustrar as modificações populacionais havidas ao longo do tempo, apresentamos uma comparação das pirâmides etárias dois países entre 1950 e 2021.

GRÁFICO 2 – Pirâmide etária de Angola em 1950



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

GRÁFICO 3 – Pirâmide etária de Angola – 1950



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

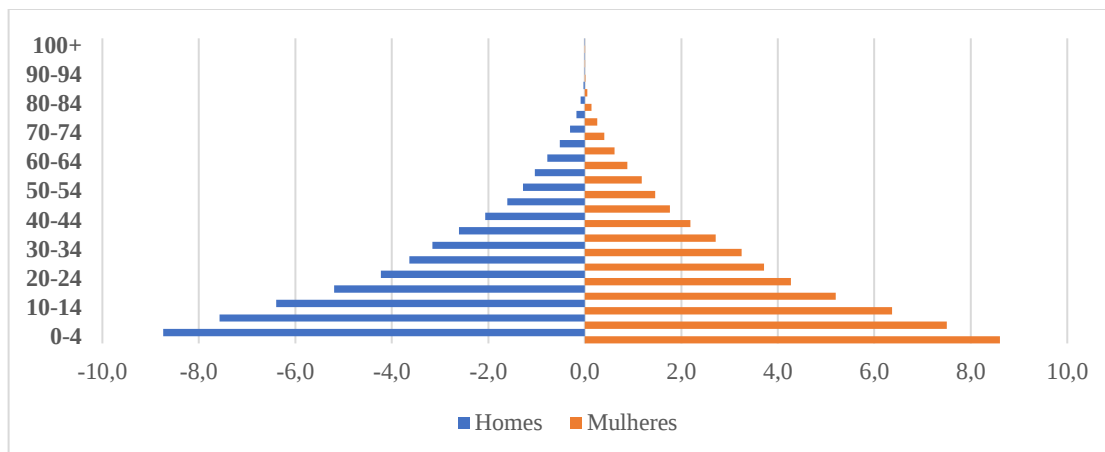


III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

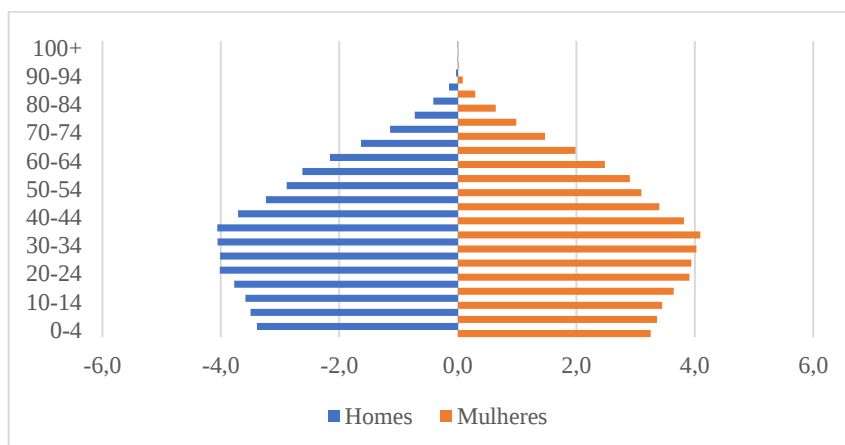
UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

GRÁFICO 4 – Pirâmide etária de Angola em 2021



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

GRÁFICO 5 – Pirâmide etária do Brasil em 2021



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

Da análise aos Gráficos 2, 3, 4 e 5, referentes as pirâmides etárias do Angola e do Brasil em 1950 e 2021 acima apresentadas, nota-se claramente que em 1950 os dois países tinham uma estrutura populacional similar com as suas bases largas, indicando natalidade elevada, predominando dessa maneira o predomínio da população jovem, seguindo-se da população adulta, e por último, um reduzido número da população idosa. Entretanto, transcorridos 71 anos, depois, ou seja, em 2021, Angola, continuou mantendo a maioria a população jovem (0-14) anos, ao se verificar um ligeiro aumento na base da pirâmide, o que o mesmo não aconteceu com a população brasileira, que, apresentou uma estrutura populacional completamente modificada, ao diminuir a sua população jovem,



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

passando a predominar a população adulta o que representou o corpo da pirâmide mais larga do que a base e o ápice, o que demonstra queda da naturalidade na população brasileira, e um início do envelhecimento da populacional. Este fenómeno, é explicado pelo processo de Transição Demográfico. A Teoria da Transição Demográfica (TDT) conceitua quatro estágios de processos temporalmente dinâmicos resultantes de mudanças na mortalidade: (1) um estágio pré-industrial em que as taxas de natalidade e mortalidade são altas e o tamanho da população é relativamente baixo; (2) uma fase de rápido declínio das taxas de mortalidade à medida que as condições sociais melhoram e são descobertas oportunidades para prevenir doenças; (3) uma fase de declínio das taxas de natalidade à medida que a probabilidade de sobrevivência dos descendentes aumenta e se torna possível escolher o número de filhos; e (4) uma fase em que as taxas de natalidade e mortalidade são baixas e o nível populacional permanece elevado segundo os padrões históricos (Caldwell 1976; Chesnais 1986/1992; Kirk 1996 *apud* Clouston *et al.*, 2016). De acordo com o conceito da Transição Demográfica apresentado acima, da análise atenta às pirâmides etárias dos dois países em 1950, denota-se que ambos os países possuíam natalidade elevada naquele ano, caracterizando-se por possuírem uma estrutura etária rejuvenescida. Porém, com o transcorrer do tempo, a dinâmica demográfica de cada um dos países foi se modificando. Por exemplo, em 2021, observa-se que Angola, ainda continuava com natalidade elevada, e uma estrutura etária basicamente jovem, tal como se observar a partir da sua estrutura larga, na base da pirâmide, revelando estar na fase inicial da Transição Demográfica, o contrário do que sucede com o Brasil, onde denota-se uma pirâmide etária, em processo de envelhecimento populacional, revelando que iniciou primeiramente o processo de Transição Demográfica em relação a Angola. Portanto, a partir da análise da pirâmide etária de 2021, pode-se concluir que, o Brasil já está em um estágio avançado da Transição Demográfica, com baixas taxas de natalidade e mortalidade, resultando em uma taxa de crescimento populacional mais lenta, estágio este, que Angola ainda não atingiu, prevalecendo ainda, natalidade elevada, embora em baixo declínio também. Segundo Demopaedia, **densidade populacional** é um indicador que mostra a relação entre a população e a área em que ela vive. O mais simples indicador de densidade é obtido pela divisão da população pela área do território em que ela vive, sendo geralmente expresso em número de pessoas por acre, hectare ou quilômetro quadrado. A dispersão da população depende do tipo de assentamento, agrupamento de assentamentos ou dispersão de



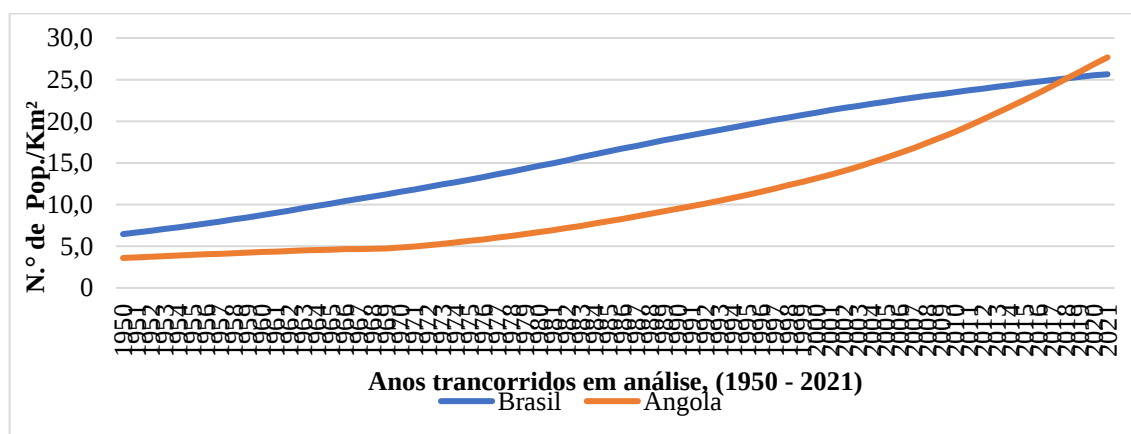
III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

assentamentos. Com base nessa definição, o Gráfico 6 mostra que a densidade populacional do Brasil e de Angola foi evoluindo ao longo dos anos. O padrão tendencial foi de crescimento. Nos primeiros anos (1950-1960), a densidade populacional esteve baixa para ambos os países, porém, a partir de 1960, o número de pessoas/km² foi crescendo para ambos os países. De 2018 a 2021, a densidade populacional de Angola, ultrapassou a do Brasil, alterando o perfil de que vinha tomando entre os anos 1950-2018 em que era o contrário.

GRÁFICO 6 – Densidade populacional (Pop/Km²) do Brasil e de Angola, (1950-2021)



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

O Gráfico 7 apresenta taxas de crescimento populacional do Brasil e de Angola. Para o Brasil, é evidente o declínio da taxa de crescimento, o que é referido por Carmo e Camargo (2020, p. 26) quando afirmaram que, “a população brasileira continua aumentando em termos de volume absoluto, embora a taxa de crescimento populacional esteja diminuindo ao longo dos anos”. Sobre o crescimento populacional brasileiro, o IBGE (2022), aponta que, o Brasil tem registado uma constante diminuição nos nascimentos, aliado ao avançado número de idosos, o que contribui nas taxas de crescimento. O último Censo indicou uma taxa de crescimento de 0,52% em uma década, algo jamais vista desde 1872 aquando da primeira pesquisa censitária na era imperial até os dias de hoje. A queda de nascimentos é retrato de mudanças relevantes na sociedade, como adiamento dos casamentos e maciço ingresso das mulheres ao mercado de trabalho. Por outro lado, questões conjunturais também contribuíram para as transformações entre elas, o quadro de baixo crescimento económico – outro desestímulo à maternidade e um empurrão a emigração. Só para ter uma ideia, na última



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

década, pulou de 1,9 milhão para 4.2 milhões o número de brasileiros vivendo fora (migração). Factores como à redução da natalidade e da mortalidade (transição demográfica), além das mudanças socioeconômicas (à medida que esses fatores melhoram, as famílias tendem a ter menos filhos), contribuíram na redução do crescimento populacional. O Brasil já está em um estágio avançado da transição demográfica, com baixas taxas de natalidade e mortalidade, resultando em uma taxa de crescimento populacional mais lenta, estágio que Angola ainda não atingiu, prevalecendo ainda natalidade elevada, embora em declínio. As taxas de crescimento populacional do Brasil continuam diminuindo (de 2,98% em 1950 para 0,47% em 2021) enquanto as de Angola mantêm-se ainda elevadas (2,02% em 1950 para 3,16% em 2021). (Nations United, 2024). Entre os factores históricos que justificam as elevadas taxas de crescimento populacional segundo o INE (2016), destacam-se as seguintes: (1) a prevalência do uso de métodos contraceptivos é ainda baixa; (2) o início da actividade sexual, do nascimento do primeiro filho e do primeiro casamento serem precoces e, (3) ainda existir desejo por maior número de filhos. No entanto, Silva (2018), refere que o declínio das taxas de crescimento em Angola no período entre 1967 e 1968 como estando associado a emigração maciça da população activa para o exterior, principalmente para a América e Europa (Portugal) e os conflitos armados que assolaram drasticamente o país entre 1975 e 2002. Quanto ao padrão de crescimento, as taxas estão em declínio para o Brasil, enquanto Angola, ainda mantém elevadas taxas de crescimento. O declínio acentuado das taxas entre 1967 e 1968 é atribuído a emigração maciça da população activa para o exterior, principalmente para a América e Europa – Portugal (Silva, 2018). Entre 1955 e 1957, Angola regista queda acentuada nas suas taxas, porém, a partir de 1968, voltam a subir bruscamente alcançando valores acima de 3,0%, sobretudo no intervalo de 2011 e 2013, e posteriormente uma tendência contrária a partir de 2020.

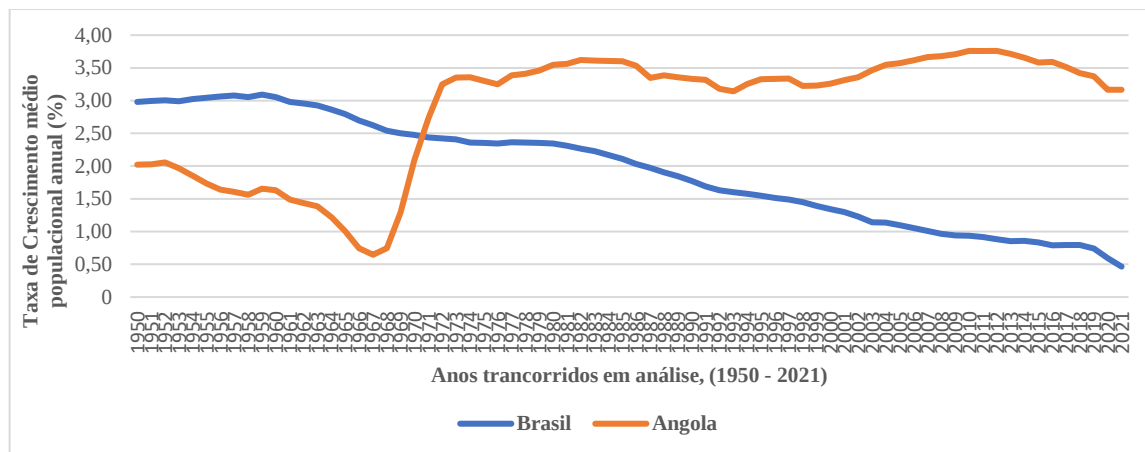


III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

GRÁFICO 7 – Taxas de Crescimento médio populacional anual do Brasil e Angola, 1950-2021



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

Mortalidade (TBM, TMI e Esperança Média ao Nascer- e_0)

Segundo Prata (1992, p. 168), “o perfil de morbimortalidade pode ser considerado um indicador relativamente sensível das condições de vida e do modelo de desenvolvimento de uma população, sendo o resultado da interação de diversos fatores interdependentes”. Para o autor, os modos de produção econômica e de reprodução humana interagem para determinar a estrutura econômica e demográfica (fecundidade, mortalidade e migração) de uma população. Além disso, fatores ambientais e socioculturais devem ser considerados, não sendo possível, portanto, separar o nível de mortalidade de sua estrutura e de sua relação com fatores históricos, socioeconômicos, demográficos e ambientais. A seguir são apresentados os gráficos sobre a **Taxa Bruta de Mortalidade (TBM)**, **Taxa de Mortalidade infantil (TMI)** e a **Esperança de Vida (e_0)** de Brasil e Angola. Sobre a **TBM**, não faremos comparação entre os países, mas sim, analisaremos separadamente, porque como se sabe, este indicador, assim como a **TBN** são medidas muito imperfeitas na medida em que são altamente influenciadas pela estrutura etária da população. Uma solução para contornar esse problema seria padronizar as taxas. Entretanto, devido a limitações na obtenção de dados mais recentes da população e de óbitos por faixas etárias de Angola, não se fez a referida padronização. Angola só teve o seu primeiro Censo em 2014, sendo que de lá para cá, dispõe de projeções de população (2014-2050) que não contêm dados sobre óbitos. Dada essa limitação, faremos as análises separadamente para não sugerirmos uma comparação ao apresentar as TBM no mesmo gráfico. Deste modo, nos gráficos 8 e 9, são apresentadas TBM do Brasil e de Angola,



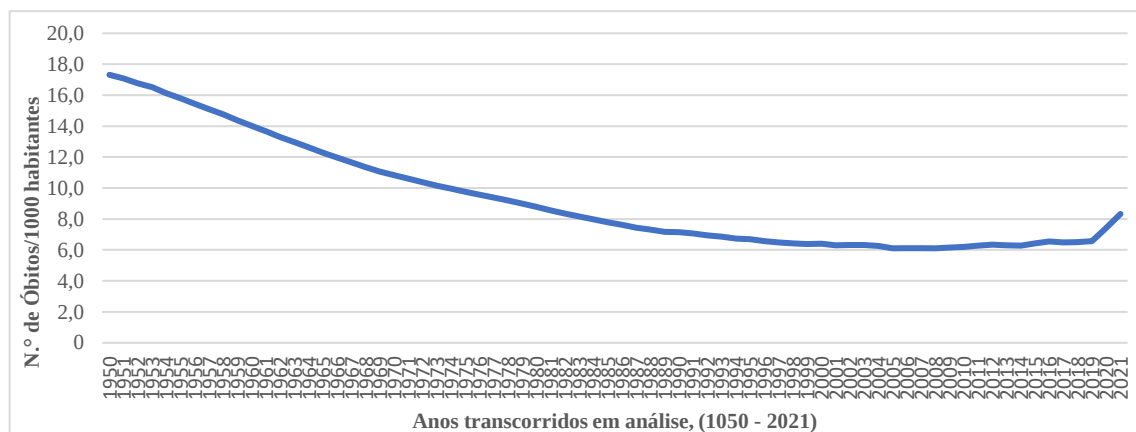
III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

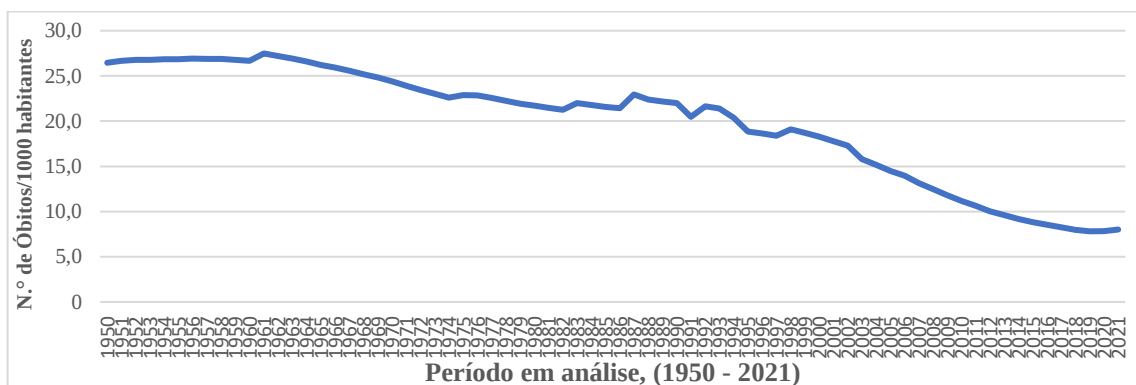
onde se pode observar as tendências das mesmas ao longo dos 71 anos em análise (1950-2021). Segundo o Governo angolano, no período pós-independência, o país implementou várias iniciativas, programas, políticas e reformas governamentais, que contribuíram para o declínio da mortalidade no país, podendo se mencionar os seguintes: (i) Paz, reconstrução e estabilização económica, (ii) reforma económica, que consistiu na liberalização económica, atracção de investimento estrangeiro e diversificação da economia para além do petróleo, (iii) programa de saúde, cujo objetivo era combater doenças como HIV/SIDA, malária, e melhorar a saúde materno infantil e (iv) Política habitacional, que tinha em vista a construção de habitação social para reduzir o *déficit* e melhorar as condições de vida da população.

GRÁFICO 8 – Evolução das TBM do Brasil, (1950-2021)



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

GRÁFICO 9 – Evolução das TBM de Angola (1950-2021)



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

Taxa de Mortalidade Infantil (TMI)

Conforme Carmo e Camargo (2020, p. 42), “[...] um bom indicador das condições de saúde de uma localidade é a taxa de mortalidade infantil, que reflete o risco de morte das crianças menores de 1º ano entre mil nascidos vivos”. O Gráfico 10 reflete a maneira como a TMI incidu nos dois países ao longo do período em análise. A TMI foi alta, nos primeiros anos, e seguidamente começou a declinar até 2021. Para Angola, a deterioração das condições de vida, serviços de saúde precários, e as guerras contra o colonialismo português e a guerra civil que assolaram o país, contribuíram para as elevadas taxas de mortalidade observadas, sobretudo no período entre 1985 e 2002, conforme referido por Silva (2018). Posteriormente, a TBM, começou a decair, no período que se seguiu à assinatura do Acordo de Paz em 2002. Segundo o INE (2016), a mortalidade tem estado em declínio no passado recente, anterior ao Censo de 2014, o que está consubstanciado na redução das taxas de mortalidade infantil e infanto-juvenil e no aumento da esperança de vida ao nascer, e continuará diminuindo de forma gradual o que proporcionará um aumento gradual da esperança de vida ao nascer, mas este aumento será mais lento nas áreas rurais que nas urbanas e nas províncias com elevada prevalência de VIH em comparação com as províncias com baixa prevalência. A queda das TMI brasileiras, relacionam-se com as medidas abrangentes implementadas pelo Governo em vários sectores de utilidade pública que impactaram no declínio deste indicador. A esse respeito, Carmo e Camargo (2020), referiram que “[...] a reforma sanitária brasileira foi uma medida pública que ampliou o conceito de saúde no país, passando a ser entendida não somente como ausência de doença, mas também como um processo de envelhecimento resultante do tipo de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso à terra e aos serviços de saúde. A queda da mortalidade infantil no Brasil foi diferenciada nas regiões, entre 1980 e 2015, contudo, ainda que tenha sido observado em ritmos distintos, a redução nesse indicador foi intensa para todas elas. Assim, pode-se concluir que as TMI dos dois países estão em declínio, porém, os níveis das taxas são bem diferentes, o que explica a diferenciação nas condições de vida das duas populações. A respeito deste indicador, Bandeira (2021, p. 196), é claro ao afirmar “[...] que é um dos principais e mais relevante indicador da situação sanitária de uma população num dado momento [...]”.

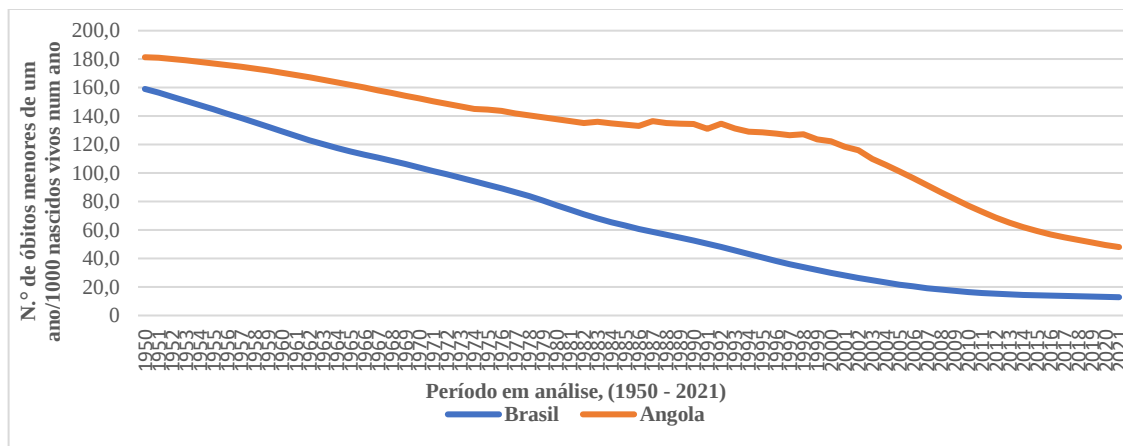


III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

GRÁFICO 10 – Evolução das taxas de mortalidade infantil (TMI) no Brasil e em Angola, (1950-2021)



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

Esperança de Vida ao nascer no Brasil e em Angola

O Gráfico 11 mostra a evolução da esperança de vida ao nascer nos países em estudo. Ao analisá-la, constatamos que, a esperança de vida nos dois países foi aumentando ao longo dos 71 anos. Conforme abordamos nas taxas de crescimento populacional, nesses países, a mortalidade como a natalidade estão em declínio, embora em níveis variados, o que impacta no aumento da esperança de vida desses países. Segundo o IBGE (2022), a introdução da vacinação contra a varíola e as mudanças em saneamento e higiene causaram forte influência no aumento da esperança de vida do brasileiro. Especificamente, o aumento da esperança de vida de Angola de 2002-2019, é atribuído ao fim dos conflitos armados que culminaram com a assinatura dos acordos de paz. Com relação a Angola, DEFO (2014), refere que, com a queda da mortalidade juntamente com medidas de saúde públicas e tecnologia médica trazidas para a prevenção, e controlo de doenças para além da intervenção de políticas governamentais e de novos níveis de comunicação de massa em África. Essas medidas podem ter impactada na redução das taxas de mortalidade e consequentemente no aumento da esperança de vida. Carmo e Camargo (2020), salienta que, quando há desenvolvimento socioeconômico, científico e tecnológico de uma sociedade, ocorrem consequentemente melhoras nas condições de vida, de trabalho e de saúde da população. Em termos numéricos, Brasil contava em 1950 com uma esperança de vida ao nascer de 48,1 anos, tendo evoluído no transcorrer do tempo até alcançar a máxima de 75,3 anos em 2019, sendo a partir desse ponto iniciado um ligeiro declínio. Quanto à Angola, embora a tendência da sua esperança de vida ao nascer seja de aumentar tal como acontece com o Brasil, iniciou com 36,3 anos em 1950, com um registo



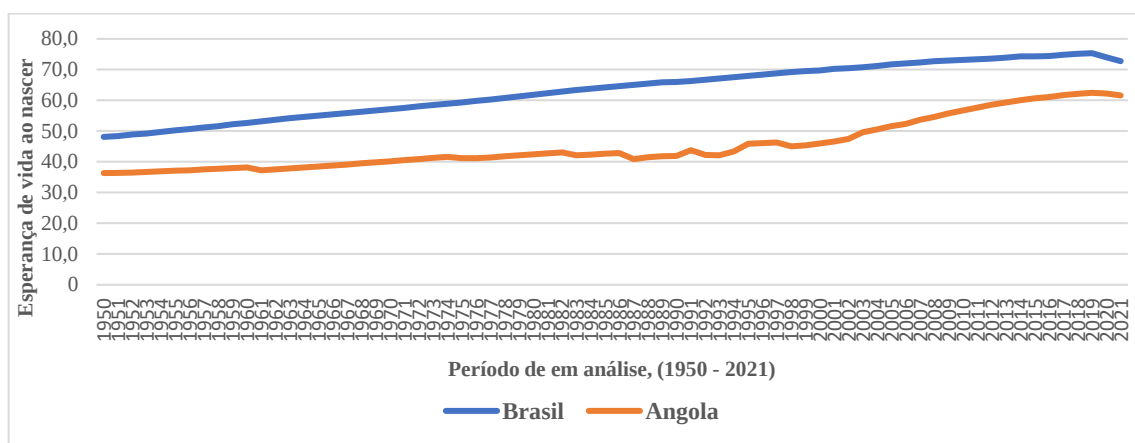
III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

da sua máxima de 62,4 anos também em 2019. Deve-se salientar conforme o gráfico, que no período entre 1892 e 1998, Angola regista pequenas tendências, ora de diminuição, ora de aumento da esperança de vida ao nascer. Como nos referimos em vários excertos acima deste artigo, nesse período, o país ainda estava em guerra por um lado, e por outro, várias iniciativas governamentais foram sendo levadas a cabo no sentido de melhorar as condições de vida das populações, o que terá contribuído para tais tendências.

GRÁFICO 11 – Evolução da Esperança de vida ao nascer no Brasil e em Angola, (1950-2021)



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

Taxas de Fecundidade Total (TFT) do Brasil e de Angola

O Gráfico 12 ilustra as TFT, um dos componentes da dinâmica demográfica, que quantifica o número médio acumulado de filhos nascidos vivos que uma mulher teria no final da sua vida reprodutiva caso ela fosse exposta a estas taxas em cada grupo etário. Compara as TFT do Brasil com as de Angola. As duas taxas, embora seguindo tendências distintas ao longo dos 71 anos em análise, coincidem no padrão que tomam o de declínio. No gráfico, o Brasil apresenta TFT elevada nos primeiros 11 anos, isto é, entre 1950 e 1961 aonde chegou a alcançar os cerca de seis filhos por mulher, sendo que, seguidamente começou a diminuir até o último ano de 2021, onde alcançou uma TFT de 1.64 filhos/mulher. Importa destacar que, a TFT do Brasil continua em declínio, segundo o IBGE (2022). Quanto à Angola, embora tenha iniciado um processo de declínio das suas TFT a partir de 1994, ainda continua com taxas elevadas. A este respeito, o INE (2016, p. 9-10), refere que, “em parte, este comportamento da fecundidade está relacionado aos seguintes factos: a prevalência do uso de métodos contraceptivos é ainda baixa, o início da atividade sexual, do nascimento do primeiro filho e



III Semana da Demografia

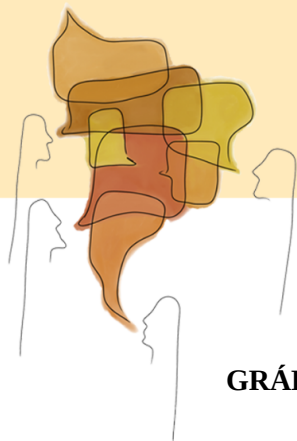
Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

do primeiro casamento serem precoces, e ainda existir desejo por maior número de filhos”.

Daí que se possa observar, que o país ainda está em 2021, com uma TFT de 5,30 filho por mulher, uma taxa ainda elevada. Entretanto, o país iniciou com as quedas das suas TFT a partir de 1994. Conforme apontado por Silva (2018), a queda da fecundidade no país africano tem a ver também, com as migrações inter-regionais e intercontinentais, para além dos conflitos armados que assolaram drasticamente o país entre 1975 e 2002. As quedas das TFT no Brasil podem estar associadas ao facto de o país ter entrado primeiro no processo de transição demográfica em relação a Angola, por um lado, e por outro, ter profundamente a ver com as transformações em curso no país, conforme aponta o IBGE (2016, p. 48), ao considerar que, “ao final dos anos 1960, e principalmente durante a década de 1970, [...], as transformações em curso na sociedade brasileira levaram a importantes transformações no comportamento reprodutivo. Dentre essas transformações, destacam-se: os fortes deslocamentos migratórios do campo para a cidade, levando à intensificação e à diversificação da urbanização; os avanços do processo de assalariamento da economia brasileira, com o engajamento crescente da mulher no mercado de trabalho urbano; e a disseminação de um modelo econômico voltado para o consumo de bens duráveis, em íntima associação com a generalização das relações de mercado e a elevação dos custos de reprodução familiar e social”. Ainda segundo IBGE, é fundamental também salientar que, nesse processo de queda das TFT, teve também papel destacado a produção industrial de meios contraceptivos (esterilização e uso de pílulas) e sua aceitação por expressivo contingente de casais interessados na autorregulação de sua fecundidade [...].

Ainda de acordo com o mesmo gráfico, no ano de 1954, os dois países coincidiram com a mesma TFT, de 6,0 filhos nascidos vivos/mulher, sendo que seguidamente, divergiram-se, com a ascensão das taxas de Angola, enquanto as do Brasil baixavam. Podemos resumir que, as contínuas quedas das TFT são consequência de projetos de educação sexual, planeamento familiar, utilização de métodos contraceptivos, maior participação da mulher no mercado trabalho e na educação, expansão da urbanização, entre outros. A TFT em Angola, até 2021, último ano da análise dos nossos dados, segundo Word Population Prospects (2024), continuava elevada com cerca de 5,3 filhos por mulher em idade reprodutiva quando comparada com a do Brasil que se situava em 1,64 filhos, que, entretanto, continuou a baixar para 0,47, muito abaixo do nível de reposição, segundo revelou o Censo do IBGE (2022).

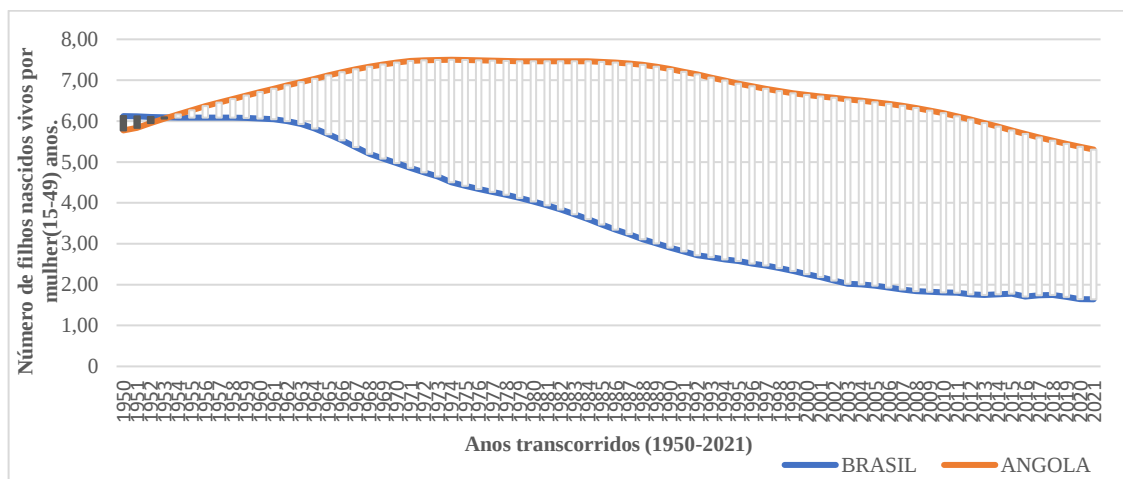


III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

GRÁFICO 12 – Evolução das Taxas de Fecundidade Total no Brasil e em Angola no período de 1950-2021



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

Taxas Líquidas de Migração (TLM) do Brasil e de Angola

O Gráfico 13 mostra uma estabilidade das TLM do Brasil, e tendências acentuadas, para Angola, chegando a negativas (-1,3 para -19,3 de TLM por 1000 habitantes) no período entre 1950 e 1970, significando perda expressiva da sua população. O início da Guerra de Libertação de Angola em 1961 protagonizado pelos movimentos de libertação de Angola, entre movimentos de independência angolanos e o Governo colonial português resultou na insegurança, violência e destruição, levando muitas pessoas a fugirem do país para buscar segurança em outras nações africanas ou na Europa. (Neighbours, 2006). Por sua vez, Marcum (1969), aponta a repressão violenta, por parte do Governo colonial português contra os movimentos de independência e da população local, criou um ambiente hostil, ao prender, torturar e massacrar os angolanos, forçando parte deles a emigrarem para escapar da perseguição, enquanto Clarence-Smith (1985) refere que a economia e trabalho forçado, que caracterizava a economia angolana, durante o período colonial, estava orientada para beneficiar a metrópole, com a exploração intensiva de recursos naturais e trabalho forçado nas condições extremamente duras e desumanas, levando muitas pessoas a emigrar em busca de melhores oportunidades de vida. Outros factores, são as desigualdades sociais. (Neighbours, 1992) e movimentos de independência e diáspora (Marcum, 1978). Entretanto, entre 1971 e 2021 regista-se uma grande recessão dos fluxos migratórios no país, que contribuíram nas mudanças das Taxas Líquidas Migratórias, de negativas para positivas. A dinâmica



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

socioeconômica recente de Angola, que tem contribuído no registo de uma grande intensidade migratória (INE, 2016), pode estar na origem desses fluxos. O Censo 2014 mostrou que, mais de 1 milhão de pessoas entraram no país nos últimos 5 anos antes do Censo e permaneceram por pelo menos 6 meses, entretanto, chama a atenção de este período, coincidir com o regresso de refugiados angolanos que estiveram na República Democrática do Congo e Zâmbia, não podendo, por isso, ser considerado um movimento migratório que poderia acontecer em situação normal. Segundo, o INE (2016), houve entrada no país em 2013 de cerca de 50.000 estrangeiros que posteriormente solicitaram visto de longa duração, número que foi considerado como base para imigração internacional média anual nas projeções que se fizeram para o período 2014-2050. Para o Brasil, é possível observar no Gráfico 13 que tanto a imigração como a emigração internacional, não tiveram um impacto expressivo nas TLM do país, com as mesmas variando entre negativas e positivas e muito próximas a zero (0), sendo a maior taxa alcançada sido em 1959, de 1/1000 habitantes, o que significa que os fluxos migratórios que a seguir mencionamos, não tiveram grande impactos nas TLM durante o período em análise. Entre outros fluxos migratórios, Baeninger (2013), refere às novas migrações pós 2ª guerra mundial, incluindo refugiado, bem como espanhóis, gregos e sírio-libaneses, isto entre 1953-1960, com imigrações dirigidas em parte ao sector industrial. Por outro lado, Patarra (2005), aponta outros fluxos migratórios. Na imigração, destaca: (i) concessão de autorizações de trabalho de estrangeiros dos E.U.A, Canadá e de países europeus entre 1993 e 2000; (ii) Dados do Censo, apontam o registo de estrangeiros no país, entre 1980 e 2000, sendo 912 migrantes em 1980, 767.781 em 1991 e de 651.226 em 2000. O Censo Demográfico de 1991 registou uma população estrangeira de 606.601 pessoas, e o de 2000, um população de 683.380 estrangeiros, com os países de nascimentos a indicarem para Mercosul Ampliado (40%), Europa (20%), Ásia (12,5%) e América do Norte (9,1%); (iii) em 1970, Brasil sofre de evasão de cérebros vindos dos países vizinhos, grande parte deles, forçados pelos regimes autoritários dos seus países de proveniência, e entre 1996-2003, imigrantes paraguaios entram no Brasil (350 mil em 1996, 451.501 em 2000, 262.510 em 2001 e 269 mil em 2002 e 325.400 em 2003. Outros fluxos de imigração internacional segundo Patarra (2005), são os registados entre 1960 e 1965, mercê de acordos bilaterais, que trouxeram imigrantes da América Latina, seja em decorrência das ditaduras nos países vizinhos, seja no bojo da vinda de estudantes, principalmente da Bolívia e da África, assim



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

como da chegada de coreanos ao vale do Paraíba, em 1963 no Estado de São Paulo. Atento ao gráfico, pôde constatar-se que nestes anos, as TLM tomam valores positivos, o que se pode concluir que a imigração contribuiu para aquelas tendências. Quanto à emigração, entre 2 e 3 milhões de brasileiros vivem no exterior (Patarra, 2005), entretanto, levantamento do Ministério das Relações Exteriores indica que o total de brasileiros vivendo fora do país era de 1.419.440 em 1996, 1.887.895 em 2000, 2.041.098 em 2002, e em 2003 passou para 1.805.436, sendo os países de destino os E.U.A, Japão, Paraguai, Europa, outros países da América do Sul e outros. Em 1995 Brasil exportou 1.000.000 brasileiros para o exterior e entre 1996 e 2003, movidos pelos factores históricos e culturais, vários brasileiros optaram por viajar para Europa, cujo países de preferência foram; Itália (16.775 pessoas em 1996, 65.196 em 2002 e 35 mil em 2003); Portugal (22.068 em 1996, 50.431 em 2001, e 70 mil em 2003); Espanha (com 12.026 em 1996, 13.371 em 2001 e 32 mil em 2003). Outros fluxos se dirigiram para o Japão (sendo 263 mil em 1996, 224 mil em 2000, 262 mil em 2001 e 269 mil em 2003). De acordo com a autora, estes fluxos representaram o crescimento expressivo das remessas – transferências unilaterais no balanço de pagamento do Brasil que atingiram cerca de 2 bilhões. No período entre 2000 e 2015 houve uma vaga de imigração internacional, com a entrada no Brasil de 879.918 estrangeiros, com visto permanente, temporário, fronteiriço ou provisório, dos quais 58,3% entraram nos últimos cinco anos, conforme aponta Baeninger (2013), cujos países de nascimento foram Bolívia, EUA, Argentina, China, Portugal, Alemanha, Colômbia, Perú, França, Paraguai, Itália, Haiti, Uruguai, Espanha, Filipinas, Japão e outros países. Quanto à emigração brasileira, Baeninger (2013), refere que na metade dos anos 1980, houve saída de brasileiros para o exterior, de tal forma que mais de 1.000.000 de brasileiros encontravam-se fora do Brasil nos anos de 1990, vivendo principalmente nos EUA, Paraguai e no Japão, e, em menor número em países como Itália, Portugal, Inglaterra, França, Canada, Austrália, Suíça, Alemanha, Bélgica, Holanda e Israel, esclarecendo que a emigração de brasileiros para Paraguai foi em 1970.

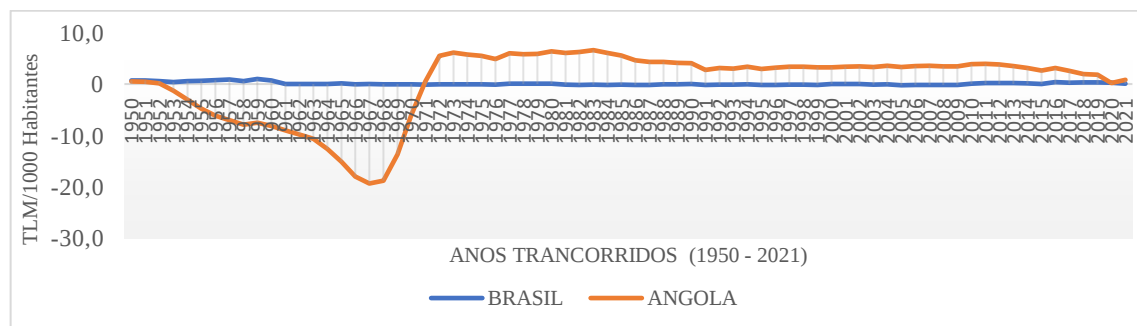


III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

GRÁFICO 13 – Taxas Líquidas de Migração (TLM) do Brasil e de Angola no período de 1950 – 2021



Fonte: Construído pelo autor, com base nos dados da Word Population Prospects (United Nations, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população dos dois países cresceu ao longo do tempo embora seguindo ritmos variáveis. A densidade populacional foi aumentando com o aumento também da população ao longo dos anos. A taxa de crescimento populacional foi diminuindo para o Brasil embora a sua população continuasse a aumentar em termos absolutos e Angola, continua com taxas relativamente elevadas. De um modo geral, a mortalidade em ambos os países está em queda, com maior expressão para o Brasil, refletindo-se no aumento das esperanças de vida ao nascer nos dois países. As Taxas de Fecundidade Total (TFT) embora em declínio para os dois países, em Angola, continuam elevadas. Na migração, mesmo com os fluxos migratórios mencionados por Baeninger (2013); Patarra (2005); Ministério das Relações Exteriores e IBGE (1991 e 2000), não impactaram expressivamente nas TLM do Brasil no período em análise, enquanto em Angola, as guerras pela libertação do país foram responsáveis pelos níveis e tendências das TLM do país.

REFERÊNCIAS

ANGOLA. Governo de Angola. **Dados sobre o país:** Angola situa-se na zona intertropical da África Austral, com as coordenadas geográficas. Angola, s.d. Disponível em: <https://governo.gov.ao/angola/dados-sobre-o-pa%C3%ADs>. Acesso em: 02 jul. 2024.

ARRETCHE, Marta. **Trajetórias das desigualdades:** como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo, SP: Editora da Unesp, 2015.

BAENINGER, Rosana (org.). **Migração internacional.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2013. (Coleção Por Dentro do Estado de São Paulo, v. 9).

BANDEIRA, Mário Leston. **Demografia:** objeto, teorias e métodos. 2. ed. Lisboa: Editora Escolar, 2021.



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

BIRMINGHAM, David. **Empire in Africa: Angola and its Neighbours**. Athens: Ohio University Press, 2006.

BIRMINGHAM, David. **Frontline nationalism in Angola and Mozambique**. Trenton, NJ: Africa World Press, 1992.

CARMO, Roberto Luiz do; CAMARAGO, Kelly. Dinâmica demográfica brasileira recente: padrões regionais de diferenciação. In: MONTEIRO NETO, A. (org.). **Desenvolvimento regional no Brasil: políticas, estratégias e perspectivas**. Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2020. p. 23-115.

CLARENCE-SMITH, William Gervase. **The third portuguese empire, 1825-1975: a study in economic imperialism**. Manchester: Manchester University Press, 1985.

CLOUSTON, Sean A. P. *et al.* A social history of disease: contextualizing the rise and fall of social inequalities in cause-specific mortality. **Demography**, v. 53, n. 5, p. 1631-1656, 2016. DOI: 10.1007/s13524-016-0495-5

DEMOPAEDIA. Disponível em: <http://pt-ii.demopaedia.org/wiki/62#621>. Acesso em: 08 maio 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, RJ, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população**. Rio de Janeiro, RJ, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9232-relacoes-entre-as-alteracoes-historicas-na-dinamica-demografica-brasileira-e-os-impactos-decorrentes-do-processo-de-envelhecimento-da-populacao.html?edicao=9233&t=publicacoes>. Acesso em: 12 jun. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, RJ, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro, RJ, 1991.

INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Projeção da população 2014-2050**. Luanda, Angola, 2016. Disponível em https://www.ine.gov.ao/Arquivos/arquivosCarregados/Carregados/Publicacao_637586861813829303.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

MARCUM, John A. **The angolan revolution: exile politics and guerrilla warfare**. Cambridge: MIT Press, 1978.

MARCUM, John A. **The angolan revolution: the anatomy of an explosion**. Cambridge: MIT Press, 1969.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PRATA, Pedro Reginaldo. **A transição epidemiológica no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ, v. 8, n. 2, p. 168-175, 1992.



III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

SILVA, Antônio Carlos Matias. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. **NEARI em Revista**, Recife, PE, v. 4, n. 5, 2018. Disponível em <https://www.doccity.com/pt/angola-historia-luta-de-libertacao-independencia-guerra-civil-e-suas-consequencias/5498212/>. Acesso em: 09 maio 2024.

UNITED NATIONS. **World population prospects 2024**: summary of results. New York, NY, 2024. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/wpp2022_summary_of_results.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.